

## A TRADIÇÃO RE(DES)COBERTA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

MOEMA SELMA D'ANDREA

# A TRADIÇÃO RE(DES)COBERTA

O PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE NO CONTEXTO DAS  
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E LITERÁRIAS NORDESTINAS

2ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

D197t D'Andrea, Moema Selma.  
A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas / Moema Selma D'Andrea – 2ª ed. revista e ampliada – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 2. Regionalismo na literatura. I. Título.

ISBN 978-85-268-0883-6

CDD 301.29813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987	301.29813
2. Regionalismo na literatura	301.29813

Copyright © by Moema Selma D'Andrea  
Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1992

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*A Rosa, Miguel e Márcio — parceiros de  
amor e vida.*

*A Alexandre Eulálio (in memoriam) —  
orientador e amigo.*



## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO – A VOZ DA TRADIÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA ENSAÍSTICA CONTEMPORÂNEA.....	11
INTRODUÇÃO.....	19

### PARTE 1

#### A TRADIÇÃO PATRIARCAL DO NORDESTE E SUAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO

1 UM CORTE NA TRADIÇÃO.....	31
2 A TRADIÇÃO REALIMENTADA – TRAÇOS MODERNISTAS NA ESTÉTICA REGIONALISTA.....	41
3 AS PREMISSAS DO CHÃO HISTÓRICO.....	53
4 A CONSCIÊNCIA DA CRISE E A REAÇÃO INTELECTUAL.....	63
5 A REGIÃO FALADA PELA VOZ DA HEGEMONIA PERNAMBUCANA.....	69

PARTE 2

A PERCEÇÃO DO DECLÍNIO PATRIARCAL  
E A IDEOLOGIA NACIONALISTA

1	QUEM CONTA SEUS MALES ESPANTA.....	89
2	JOSÉ LINS E A REAÇÃO DO “BOM SENSO” .....	97
3	GILBERTO FREYRE ENTRE A <i>GENTRY</i> E OS <i>UPSTARTS</i> BRASILEIROS .....	101
4	A TRADIÇÃO NORDESTINA E A MARGEM DIREITA DO NACIONALISMO.....	107

PARTE 3

O IDEÁRIO REGIONALISTA-TRADICIONALISTA E SUA  
REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA NORDESTINA

1	UM MANIFESTO É SEMPRE UM MANIFESTO.....	125
2	O MODERNISMO DA LINGUAGEM FREYRIANA E A RETÓRICA DA PERSUAÇÃO.....	133
3	UM DESEJO MANIFESTO – AOS POUCOS E TODO SOB MEDIDA .....	141
4	AS SUGESTÕES ESTÉTICO-LITERÁRIAS DO <i>MANIFESTO</i> <i>REGIONALISTA</i> .....	157
5	<i>SENHORA DE ENGENHO</i> – PRIMEIRA FÁBULA MORALIZANTE DA FICÇÃO REGIONALISTA DA DÉCADA DE 1920 .....	163
6	ENTRE O ENGENHO E A BAGACEIRA – ENTRE O BREJO E O SERTÃO .....	187
7	A ESTÉTICA DA UTILIDADE E O CRIADOR DESILUDIDO.....	207
	ADENDO – ENTREVISTA COM GILBERTO FREYRE .....	215
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	234



## PREFÁCIO

A primeira versão deste trabalho foi numa edição da Editora da Unicamp, em 1992. Resultou da apresentação de minha dissertação de mestrado sob a orientação do professor Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha. Decorridos tantos anos vividos sob a emoção de vê-lo materializado e a rejeição pelo objeto mudo na estante, resolvi relê-lo e chamá-lo de novo ao meu convívio.

Eis uma nova versão re(des)coberta, revisada de alguns excessos ou arroubos acadêmicos, ampliada em alguns momentos, a partir da incorporação de novas leituras e reflexões sobre o assunto, levando em conta a atualidade do tema. Como diz Renato Ortiz em *Cultura brasileira & identidade nacional*, “existe hoje um certo tabu em torno de Gilberto Freyre que dificulta a apreciação de seus escritos. Frequentemente a argumentação se encerra num círculo vicioso. Ele é um autor genial porque escreveu *Casa Grande & Senzala*, e vice-versa: trata-se de um grande livro porque foi escrito por Gilberto Freyre”.

O sociólogo e antropólogo pernambucano e seu livro *Casa-grande & senzala*, de 1933, é um dos intelectuais da década de 1930 que, juntamente com Sérgio Buarque de Holanda, de *Raízes do Brasil*, e Caio Prado Júnior, de *Formação do Brasil contemporâneo*, se vem mantendo atualizado em vários trabalhos publicados, entre os quais destaco o livro *Guerra e paz*, de Ricardo Benzaquen de Araújo, de 1994. Em 2005, o *Jornal da Unicamp*

publica a matéria “Gilberto Freyre, 104, acima do bem e do mal”. São várias as opiniões convergentes e divergentes, mas o fato é que Gilberto Freyre e *Casa-grande & senzala* voltam a despertar opiniões, análises e trabalhos, como a primeira edição crítica organizada por Enrique Larreta e Guillermo Giucci, em 2003, além de Élide Rugai Bastos, diretora do Centro de Estudos Brasileiros (CEB), Unicamp, e uma das mais destacadas leitoras da obra de Gilberto Freyre.

*A tradição re(des)coberta* se detém, principalmente, na análise do *Manifesto regionalista*, de Gilberto Freyre, gestado no 1<sup>a</sup> (e único) Congresso Regionalista de 1926, mas somente publicado na íntegra em 1952 pela Edições Região, do Recife. Em consequência, tem como correlatos aspectos da literatura nordestina das décadas de 1920 e 1930, em especial uma avaliação crítica de *Senhora de engenho* (1921), de Mário Sette, e de *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida.

Quero enfim agradecer aos amigos que sempre discutiram comigo não só os temas ligados ao Nordeste, mas as facetas de nossa modernidade tardia, ou pós-modernidade para alguns, principalmente no campo da cultura e de sua hibridização. Agradeço também à colega e amiga Valéria Andrade, que revisou e pôs de pé a digitação amadora, para que este livro tomasse forma. Um agradecimento especial à professora doutora Sônia Lúcia Ramalho de Farias, amiga e parceira das labutas intelectuais, pela amável e generosa Apresentação. Por fim, à Editora da Unicamp pela oportunidade desta segunda edição.

*Moema Selma D’Andrea*

## APRESENTAÇÃO

### A VOZ DA TRADIÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA ENSAÍSTICA CONTEMPORÂNEA

No vastíssimo e controvertido debate sobre a obra de Gilberto Freyre, o ensaio de Moema Selma D’Andrea assume, indubitavelmente, um lugar de destaque não apenas pela ousadia do intento, que é rever a proposta do ideário regionalista freyriano, resgatando suas condições de produção em diálogo com o contexto sociocultural e literário nordestino, mas por fazê-lo com discernimento e sagacidade analítica, o que pressupõe evitar duas posturas por via de regra alternadas na avaliação do legado hermenêutico daquele intérprete da sociedade patriarcal brasileira — a reverência laudatória, fomentadora do mito, e o veto ideológico, responsável por denegações maniqueístas e redutoras<sup>1</sup>.

Livro elaborado originalmente como dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas, em 1987, e lançado agora em segunda edição pela Editora da Unicamp, o desafio assumido neste ainda bastante atual *A tradição re(des)coberta* é bem mais complexo do que as tendências acima mencionadas. Consegue fugir da mitificação em torno do autor e sua obra sem fazer tábula rasa da significativa contribuição intelectual de Freyre. Sua apreciação crítica caracteriza-se, especialmente, pelo rigor argumentativo da “desleitura” ensaística. Preocupa-se, antes de tudo, em redimensionar o Regionalismo nordestino postulado por Gilberto Freyre na década de 1920, em Pernambuco, reavaliando-o numa interação discursiva com outras vertentes

culturais e literárias, articuladas direta ou indiretamente à matriz tradicionalista freyriana. Dentre essas, destaca-se o romance de Mário Sette, *Senhora de engenho* (1921), cuja urdidura ficcional, sagazmente desconstruída, possibilitou à autora um dos achados mais interessantes da pesquisa: detectar “a intrincada rede de relações tecidas entre o patriarcalismo rural (em crise)” e o urbanismo que se anuncia no processo de modernização do país. Tornou possível, ao mesmo tempo, identificar no texto de Sette a matriz temática e ideológica daquele que é considerado o marco antecipatório do romance nordestino de 1930, *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida. E também situar, paradoxalmente, à revelia da própria postura conservadora de Freyre, o contributo que oferece à renovação do romance brasileiro na sua vertente modernista de 1930, o chamado “romance do Nordeste”, cuja temática e forma (avaliados no livro pela ficção memorialista do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego) enfatizam, na esteira do autor de *Casa-grande & senzala*, o ambíguo registro da decadência da oligarquia rural nordestina e a perda de hegemonia do seu *locus* regional, decorrente do processo de industrialização, hegemonicamente ascendente, do Centro-Sul cafeeiro. Processo esse responsável, em última instância, pelo ressentido confronto engendrado por Freyre — e, no encaço deste, por José Lins — entre as duas vertentes que na década de 1920 protagonizaram o debate intelectual no cenário do Brasil. Respectivamente, a matriz regionalista do sociólogo pernambucano e o Modernismo de 22, representado pela vertente paulista de Mário e Oswald de Andrade. No cerne do confronto, obviamente não apenas disputas estéticas e culturais, como faz pressupor Gilberto Freyre, mas o embate político, sem dúvida, entre duas facções dominantes no contexto de crise decorrente das transformações capitalistas no Brasil de então: a oligarquia açucareira, que vinha perdendo poder, representada por seus intelectuais, e a emergente burguesia urbana paulista, “ligada afetivamente ao Modernismo de 22”, conforme acentua D’Andrea.

Buscando suplementar valiosos trabalhos historiográficos sobre a produção gilbertiana, a exemplo dos ensaios de Carlos

Guilherme Mota, Renato Ortiz, Rosa Godoy Silveira, entre outros, o estudo de Moema Selma orienta sua perspectiva para o enfoque inovador de obras menos emblemáticas e, portanto, ainda insuficientemente abordadas pela fortuna crítica do autor: o polêmico *Manifesto regionalista de 1926*, publicado, de fato, em 1952, e as crônicas ou os artigos da década de 1920 (dos quais o *Manifesto* é uma súpula), veiculados no *Diário de Pernambuco* e reunidos depois no livro *Tempo de aprendiz* (1979). No intuito de ler simultaneamente o discurso cultural e o literário, tais textos são cotejados com uma significativa e diversificada produção de autoria distinta, coetânea à de *O Mestre de Apipucos*. O objetivo é assinalar os compassos e descompassos de poetas, romancistas dramaturgos e ensaístas que, no contexto em foco, contracenavam com o mentor do “Regionalismo-tradicionalista e, a seu modo, modernista”, para utilizar aqui os termos empregados por ele próprio na definição do movimento. O diálogo intertextual abre, assim, espaço para que se revejam diferentes formas de representação da tradição patriarcal do Nordeste. Desde aquelas que realimentam essa tradição, como as concepções regionalistas detectadas na ensaística de Lins do Rego e, de forma mais problemática, no seu universo romanesco, até às que instauram um corte paródico nessa tradição, como os contradiscursos poéticos de Joaquim Cardozo (“Recife morto”, “A arquitetura da cana-de-açúcar”, “Graciliano Ramos”) e de João Cabral de Melo Neto (*Morte e vida severina*), cujas dramáticas e respectivas representações da cidade do Recife, da arquitetura canavieira e dos diferentes espaços regionais, nivelados pela miséria, desconstroem a harmônica imagética da tradição cultural do Nordeste agrário freyriano, ricocheteando por tabela na lírica “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, publicado originalmente no *Livro do Nordeste*, organizado por Freyre em 1925, que, sintomaticamente, advoga para si a coautoria do poema bandeiriano.

O alcance crítico de *A tradição re(des)coberta* consiste em desvendar esse feixe interdiscursivo por meio do qual a ensaística esgarça a malha ideológica do texto freyriano e aponta toda uma filiação poética e artístico-cultural adotada como *nordestologia*

pelo discurso regionalizante do escritor de *Sobrados e mucambos*, de que se ausentam aquelas vozes dissonantes que, como “facas só lâmina”, cortam os fios da tradição e corroem, ao mesmo tempo, o equilíbrio burguês do progresso através de uma imagética estética tensionadora dos dois polos então em confronto: o da tradição e o da modernidade. Acompanha tal esgarçamento do tecido cultural e literário articulado à proposta de Gilberto Freyre o rastrear das premissas do chão histórico propício à “revitalização do espírito regionalista”. São passados em revista, conseqüentemente, os fundamentos sócio-históricos e econômicos que fomentaram durante os três primeiros séculos de nossa formação social a duradoura tradição patriarcal do Nordeste e o “império dos plantadores de cana”, no bojo de que se assenta a defesa dos aspectos “genuinamente nacionais”, identificados, vale frisar, aos valores da “aristocracia agrária” desse *locus* regional falado pela voz da hegemonia pernambucana.

Hierarquia, ordem, tradição constituem, portanto, os pilares básicos do conceito de nacionalidade postulado pelo ideário regionalista, cuja recuperação nostálgica do passado colonial encontra seu modelo no período monárquico brasileiro. Proclama-se, assim, pelo viés retrospectivo, “uma tradição parada no tempo, elevada a mito e liturgia pela compensação simbólica dos valores culturais tornados edificantes sob o aval da colonização e do regime monárquico”, segundo as palavras da autora. Como reflexo desse espelho retrovisor, a ideologia da identidade nacional se constrói *pari passu* à percepção do declínio patriarcal canavieiro, em contraposição ao qual Freyre (e, ao lado deste, José Lins), assumindo a reação do “bom senso”, se alinha aos “modernistas da ordem” (os intelectuais do eixo Rio–São Paulo situados à “margem direita do nacionalismo”), cujo projeto ufanista patrioteiro é analisado por Antonio Arnoni Prado em *Itinerário de uma falsa vanguarda*. Subsidiado por Arnoni e por Darcy Damasceno, que levanta a tendência editorial dos periódicos veiculadores desse projeto nacionalista (revistas *Terra do Sol*, *Festa* e *Lanterna Verde*), o estudo de D’Andrea analisa a dicção, “a seu modo modernista”, do Regionalismo-tradicionalista freyriano à luz da aliança que se

estabelece entre a tradição nordestina e aquela “falsa vanguarda”. Ao mesmo tempo em que assinala a correspondência entre os respectivos projetos nacionalistas dos dois grupos (o do Nordeste e o do Sudeste), a autora destaca a direção antagônica do discurso de Freyre diante dos outros modernistas, os de São Paulo (especialmente Mário e Oswald de Andrade), negativamente avaliados por suas tendências “futuristas” e orientações estéticas “estrangeiradas” sob o influxo das vanguardas europeias. Vale frisar que a reação xenófoba do discípulo de Boas se localiza apenas em relação a tais tendências de vanguarda artística e cultural. No âmbito internacional, além, é claro, do resgate dos símbolos emblemáticos da colonização lusitana, a autora detecta, já nas crônicas do *Diário de Pernambuco*, a interlocução do pensamento de Gilberto Freyre e seus seguidores com as correntes tradicionalistas francesa (representada, sobretudo no século XVIII, por Joseph de Maistre e seus adeptos, Le Play, De Bonald, Barrés Maurras) e portuguesa (a reação romântico-passadista liderada pelo grupo de Antônio Sardinha e Fidelino Figueiredo), com as quais o autor mantém fortes afinidades político-literárias.

No minucioso exame da retórica ambigualmente persuasiva do Manifesto regionalista e, a seu modo, modernista, lido sob o duplo eixo cultural e político, a autora enfatiza a proposta nacionalista/regionalista do discurso freyriano a partir da reatualização do *mito da ligação causal* na equação de Antonio Candido: “terra bela-pátria grande”. Mito adaptado por Freyre para a fórmula “terra rica = Nordeste grande”, que pressupõe uma política integrativista das regiões e das oligarquias regionais em detrimento do regime federativo da República Velha, cuja centralização de poder favorecia os estados sulistas, política e economicamente mais fortes. Tal readaptação compensatória da hegemonia perdida é avaliada por D’Andrea, no contexto de enunciação do *Manifesto*, como uma forma de desrecalque localista da expressão regional. Inclui-se nessa simbologia compensatória, ao lado da propalada culinária proveniente do contributo miscigenado desse Brasil cadinho, a defesa da representação estética do trabalhador nordestino (ex-escravo ou não), integrado exoti-

camente à cor local e, portanto, diluído na paisagem, como monumento histórico ou objeto de adorno. Representação que trai a fragilidade da “socioantropologia da confraternização racial” decantada por Gilberto Freyre. Análoga orientação é vislumbrada nas sugestões estético-literárias do *Manifesto*, a exemplo do aproveitamento do exótico cenário nordestino por artistas e escritores e de tipos humanos pitorescos retirados, diga-se de passagem, de seu contexto social. Completa esse núcleo temático decorativo a decantação lírica do “mucambo modelar” — na expressão paródica de João Cabral de Melo Neto, ironizando a solução arquitetônica estética e humana exaltada pelo sociólogo como moradia ideal — teluricamente harmonizada ao clima e à paisagem regional — para a população carente do Recife. As marcas localistas da região açucareira pernambucana, erigida em cerne da identidade brasílica em conformidade com a vertente lusotropical apregoada pelo antropólogo, negam, no entanto, o sentido da proposta de homogeneidade regional como um bloco coeso, defendida explicitamente pelo discurso do tutor do movimento, segundo demonstra de modo cabal o presente ensaio.

A importância do discurso crítico de Moema Selma D’Andrea não está apenas em identificar o lugar sociocultural de onde fala Gilberto Freyre. Outros estudiosos já o fizeram antes e depois dela. O contributo maior de seu estudo consiste em saber ler, sem reducionismo, no texto escorregadio do autor de *Região e tradição* e na articulação dialógica que estabelece com seu “chão histórico” e com outras modalidades discursivas, os ardis retóricos que seduzem o leitor através de um “estilo auditivo”, conforme já o nomeou paradigmaticamente Luiz Costa Lima, ao analisar, em ensaio de *Dispersa demanda* (1981), a auditividade no interior da escrita como um dos traços característicos da precariedade do sistema intelectual brasileiro. Prosa despistadora que substitui a argumentação teórica pela “fascinação estética”, na expressão do próprio Freyre, referindo-se às tradições e aos valores regionais, mas traz as marcas do “ideológico senhorial”, ainda no dizer do ensaísta de *Lira e antilira*. Discurso lacunar e ao mesmo tempo prolixo contraposto na leitura de Moema Selma D’Andrea à



antiodie cabralina, sintomaticamente intitulada “Graciliano Ramos”, cuja sintaxe enxuta e cortante, à maneira da linguagem do autor que lhe serviu de modelo, ressignifica às avessas a ideologia da cordialidade e da identidade nacional expressa na fala celebrativa do *Manifesto regionalista*, matriz textual anunciadora dos pressupostos teóricos da antropologia social de *Casa-grande & senzala* (1933), livro considerado marco histórico da sociedade patriarcal no Brasil.

No contexto contemporâneo em que a retórica está sendo reatualizada pela moderna teoria da literatura e pelos estudos literários, a reedição desta pesquisa sobre a obra de Gilberto Freyre é, pois, muito bem-vinda.

*Sônia L. Ramalho de Farias*

Janeiro de 2010

## NOTA

- <sup>1</sup> Em texto introdutório à obra de Gilberto Freyre, Eduardo Portela [apud Silvano Santiago (org.), *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2002, vol. 2, pp. 107-19] já identificou na fortuna crítica do autor esse veto ideológico que consistiria, segundo o ensaísta, na estigmatização do que se pressupõe ser o seu conservadorismo. Ao lado dessa tendência, o autor aponta outra de ordem hermenêutica: a impugnação da cientificidade do trabalho do sociólogo pernambucano pelo pensamento racional hegemônico. Em sentido contrário, Portela incorre, no entanto, numa celebração pouco crítica ao apontar o “desempenho subversivo” da obra freyreiana, “confluente e plural”. Desempenho este traduzido na “representação pluriforme” da linguagem de Freyre, aberta à alteridade e, portanto, desmontadora da ideia de uma identidade nacional singular, tese esta desconstruída ao longo do estudo de D’Andrea, que não tem, todavia, o ensaísta carioca como seu interlocutor.



## INTRODUÇÃO

O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente.

Carlos Drummond de Andrade

A década de 1920 firma-se como definidora dos novos rumos da literatura e cultura brasileiras. Abre-se para dois movimentos intelectuais igualmente importantes, para a ideologia que subsistiu em duas regiões que disputavam a hegemonia de suas convicções culturais, literárias e até mesmo políticas. Trata-se, como se sabe, do Modernismo de 1922, em sua versão predominantemente paulista, e do Regionalismo nordestino, mais amplo, que se estendeu, principalmente a partir do fulcro pernambucano, até os estados da Paraíba e de Alagoas.

O Regionalismo nordestino, que aqui será visto em sua vertente protagonizada por Gilberto Freyre, fortaleceu-se como um ideário cultural de matizes ideológicos evidentemente tradicionalistas, defensores do *statu quo* da hegemonia rural do Nordeste. Em contrapartida, e um tanto à sua revelia, dialeticamente, implicou o movimento de renovação do romance brasileiro a partir da matriz dos chamados “romances do Nordeste”, ou romance de Trinta, na medida em que materializa as contradições da decadência da elite rural nordestina e o subdesenvolvimento da região Nordeste<sup>1</sup>. A temática não é nova nem original, na medida em que análises históricas, antropológicas e literárias a ela já se reportaram, o que, por outro lado, define também sua importância.

A contribuição que pretendo dar ao estudo da questão está em trazê-la para o terreno da crítica e da história da literatura brasileira através de uma seleção de matizes discursivos que, intertextualmente, se situam na confluência entre as manifestações culturais e literárias, através de textos que contemplam a análise. Deparo-me, simultaneamente, com a tarefa de analista de dois discursos (o cultural e o especificamente literário) e com o desafio de historiador que se lança sobre determinado contexto. Dupla tarefa que comporta seus riscos: resgatar, nas fissuras dos discursos, o viés ideológico do contexto — nesse caso o nordestino — que subjaz ao literário, sem — contudo, e sobretudo — desfigurar o caráter inerente à arte representativa.

A matriz a partir da qual se pode balizar com maior pertinência esse segmento cultural brasileiro é, sem dúvida, o ideário regionalista formulado por Gilberto Freyre a partir de 1926. A ele coube o principal papel de intérprete e articulador dos anseios desse chão regional e de seus intelectuais. A novidade, se existe, está em que não foram procuradas explicações para o pensamento freyriano em seus livros mais notórios e exaustivamente estudados, a exemplo de *Casa-grande & senzala*, *Nordeste*, *Região e tradição*, *Sobrados e mucambos*, sempre invocados quando o alvo é, frequentemente, a influência de Gilberto Freyre no cerne do pensamento regional e suas consequências para a interpretação “harmoniosa” das diversidades nacionais. Buscou-se antes o cotejo de seus textos iniciais, em forma de crônica — publicados no *Diário de Pernambuco*, reproduzidos em *Tempo de aprendiz*, e também do controverso *Manifesto regionalista* —, com outros textos literários e não literários que se colocam, por assim dizer, como contradiscurso do regionalista-tradicionista nordestino.

Ao iniciar com a análise de “Recife morto”, poema de Joaquim Cardozo, escolhi o discurso poético de uma expressão literária que se elabora no próprio núcleo tradicional. A interpretação desse poema identifica o simbolismo de uma cultura cujas “torres da tradição, desvairadas, aflitas” configuram o mito do passado patriarcal-rural em confronto com as novas forças geradoras da burguesia urbana, mais identificadas com o Centro-Sul do país, que interagem na